

unesp

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara – SP**

NOMES DE AVES EM JURUNA: ESTUDO LEXICOLÓGICO



Araraquara - SP

2010

FLÁVIA DE FREITAS BERTO

NOMES DE AVES EM JURUNA: ESTUDO LEXICOLÓGICO

Monografia apresentada à disciplina Monografia de Conclusão de Curso, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras, habilitação em Português-Francês, pela Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, sob a orientação da Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti.

Araraquara - SP

2010

RESUMO

A presente monografia teve como objetivos recoletar, com metodologia diferenciada, itens lexicais referentes a aves em juruna, uma língua indígena brasileira, e iniciar a análise lexicológica desses nomes, com vistas à aplicação em estudo lexicográfico, que prevê a elaboração de um dicionário juruna-português. Os resultados baseiam-se em coleta de dados em campo, em pesquisa participativa, de base etnográfica.

Palavras-chave: língua juruna, nomes de aves, lexicologia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
2. MATERIAIS E MÉTODOS.....	6
2.1 Sobre o material utilizado	6
2.2. Breve histórico sobre a coleta de dados	9
3. DISCUSSÕES PRELIMINARES.....	14
3.1. Lexicologia e a hipótese Sapir-Whorf	14
3.2. Sobre a interface existente entre os sistemas biológicos e os dados linguísticos	18
4. ANÁLISE DOS DADOS.....	22
4.1. Nomes para aves em Juruna	23
4.2. Recursos para a formação dos nomes para aves em Juruna	23
4.2.1. Palavras simples	24
4.2.2. Palavras compostas	24
4.2.2.1. Compostos genitivos	24
4.2.2.2. Compostos estativos	26
4.2.2.3. Cláusulas relativas	28
4.3. Simbolismo sonoro: as onomatopéias	30
4.4. A reduplicação	34
5. CRITÉRIOS EMPREGADOS PELOS JURUNA PARA IDENTIFICAÇÃO DE AVES AO NÍVEL DA PALAVRA.....	38

INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objetivo documentar, analisar e discutir itens lexicais do campo semântico “aves”, com vistas a posterior aplicação lexicográfica. Também visou a uma familiarização com técnicas de pesquisa linguística, como treinamento de percepção de sons diferentes dos da língua portuguesa, transcrição fonética da língua juruna, trabalho com informantes, etc. Assim, aprofundamo-nos no conhecimento de aspectos de uma língua indígena brasileira com documentação e análise já iniciadas em Fonologia e Morfossintaxe, pela orientadora desta monografia (FARGETTI, 2001).

A primeira etapa foi recoletar, com metodologia diferenciada, nomes de aves em Juruna, com vistas a estudo lexicológico e aplicação lexicográfica. Em trabalho de campo já realizado em julho de 2008¹, pretendíamos checar as palavras coletadas por Fargetti (em 2007), observando-se possibilidades de variação, uma vez que Fargetti havia trabalhado com material que poderia ter levado a erro: dadas as condições de que dispunha, utilizou manual de identificação de aves (SOUZA, 1998)². A nova coleta foi realizada junto a vários homens juruna, utilizando-se para isso o conteúdo do projeto “Brasil 500 pássaros”, disponível em CD-ROM. Foi utilizado um notebook, que funcionou em campo com auxílio de gerador a diesel³.

Contudo, apesar da ótima recepção dos Juruna e do bom trabalho realizado, havia claras lacunas de coleta, ocasionadas pela escassez de tempo e pela grande quantidade de material envolvido. Dessa maneira, havia a necessidade de entrarmos novamente em contato com os falantes para novas coletas e para checar os dados de 2008.

¹ Para sua realização, contamos com apoio financeiro (apenas transporte) da ONG Instituto Socioambiental, ISA.

² Esse material apresenta ilustrações muito pequenas e a pesquisadora Fargetti contou com apenas um informante masculino.

³ O gerador a diesel pertence aos Juruna há bom tempo. Também há bateria carregada com energia à luz solar, mas esta não funcionava na ocasião.

Em trabalho de campo realizado em julho de 2009⁴, foi possível checar os nomes coletados em 2008 e redimensionar o trabalho já realizado. Dispondo do programa “Brasil 500 pássaros”, checamos os itens lexicais do campo semântico “aves”, para que pudéssemos comparar com a coleta anterior.

Na segunda etapa, realizamos a sistematização e comparação dos dados coletados em 2008 e 2009 e analisamos o processo de formação dos nomes para aves em Juruna, análises que serão apresentadas nesta monografia.

⁴ Projeto “Para um inventário da língua juruna”, financiado pelo convênio ABRALIN-IPHAN e Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Nesta seção abordaremos questões referentes ao material utilizado para a coleta de dados e um breve histórico sobre o trabalho realizado junto aos falantes juruna.

2.1 Sobre o material utilizado

Utilizando-nos da audição de gravações de cantos/vocalizações de aves brasileiras, acompanhada de desenho e leitura da descrição do hábitat de cada ave, presentes no CD-ROM com o conteúdo do projeto “Brasil 500 pássaros”, a coleta pôde incluir nomes de outras espécies não coletados anteriormente por Fargetti. Tal trabalho foi iniciado em julho de 2008 e teve sua continuidade em julho de 2009.

Abaixo, pode-se ter uma idéia de como funciona o referido *site*, em que é apresentada uma lista (primeira figura) com os nomes das aves brasileiras e, para cada uma delas, uma página (segunda figura) com uma ilustração da ave, sua classificação científica, nome regional (às vezes mais de um), descrição morfológica, hábitos, etc., e ícone para audição de sua(s) vocalização(ões) (que se observa na parte inferior, com a imagem de duas colcheias, notação musical).



Figura 1 – Lista inicial contendo os nomes populares em português



Figura 2 - Ilustração, nome popular, classificação científica, descrição e vocalização da ave

Na tese *Sistemas indígenas de classificação de aves*, Jensen (1988) ressalta que não existe um único método adequado para a coleta dos dados necessários para se fazer um estudo

dos sistemas classificatórios de aves. Em sua coleta de nomes para aves em wayampi, Jensen (*op. cit.*) utilizou cerca de 500 fichas com fotografia ou desenho de cada espécie de ave.

Dispondo do conteúdo do projeto "Brasil 500 aves", prescindiu-se das fichas utilizadas por Jensen (*op. cit.*) e por outros pesquisadores na coleta de dados para estudos de sistemas classificatórios de aves. Por meio do programa, foram apresentadas aos informantes as ilustrações de cada ave, a descrição de seu hábitat, hábitos, etc. (selecionando-se, principalmente, as informações solicitadas pelo falante) e sua vocalização. Esta permitiu aos informantes, na maioria dos casos, uma identificação mais segura das aves. Em *Ornitologia Brasileira*, Sick (1997) afirma que, para diversas espécies de animais, as manifestações sonoras são tão características quanto os aspectos morfológicos da ave. De acordo com o autor:

A voz trai uma ave que não se vê ou que não se consegue ver suficientemente bem, na densa vegetação, no vôo, à hora do crepúsculo ou à noite. Frequentemente não se chega a ver direito mais de dois terços das aves que se encontram durante uma incursão. (SICK, 1997, p.98)

Assim, durante a coleta o cruzamento das informações “vocalização” x “ilustração, e descrição de hábitos” levou a dúvidas: a ave poderia ter cor/tamanho/aparência diferente na região; ou ainda aspecto idêntico, porém vocalização diferente. Acrescente-se a isso o fato de os informantes apresentarem, algumas vezes, nomes idênticos para aves distintas, o que poderia indicar a classificação juruna referente à avifauna. Por isso, há a necessidade de novos contatos para que essas dúvidas possam ser elucidadas.

Apesar da importância das vocalizações, Sick (*op. cit.*) adverte que um trabalho sério de identificação de aves não pode ser pautado apenas pela audição das vocalizações ou apenas

pela visão tida de uma espécie, em outras palavras, é necessário considerar todos os fatores possíveis.

Em 1987, ano em que foi publicada a primeira edição de *Ornitologia Brasileira*, Sick (*op. cit.*) atentava para a escassez de estudos voltados para as aves em seu ambiente natural, alertando sobre a necessidade de gravar as vocalizações das espécies existentes no país. Dessa maneira, o programa “Brasil 500 pássaros” mostra-se como um importante material, uma vez que conjuga os elementos fundamentais para a identificação de uma dada espécie de ave. Entretanto, o programa apresenta 506 de um total de 1.667 espécies pertencentes à avifauna brasileira⁵, o que nos aponta para o fato de que devemos procurar novos materiais relacionados à Ornitologia para que seja dada continuidade à nossa pesquisa.

2.2. Breve histórico sobre a coleta de dados

O povo juruna localiza-se no Parque Indígena Xingu, MT, em sete aldeias (sendo a maior, Tubatuba) e em dois postos indígenas. As comunidades contam com ensino bilíngüe, juruna-português, tendo o alfabeto da língua sido elaborado há dezesseis anos (FARGETTI, 1994).

A língua juruna é falada hoje por cerca de 300 pessoas. É uma língua tonal, da família linguística juruna (juntamente com o xipaya), do tronco tupi, e foi primeiramente estudada por Fargetti (1992, 2007).

Em maio de 2007, tive a oportunidade de conhecer duas pessoas da etnia juruna, Parin e Inhambá, na semana do patrimônio histórico realizada em Ribeirão Preto (SP), onde tive minha primeira experiência com a coleta de dados. Com conhecimentos prévios de transcrição fonética, coletei meus primeiros dados. Embora, às vezes, não conseguisse distinguir alguns

⁵ Cf. SICK, 1997.

dos sons pronunciados pelos dois juruna, a experiência foi enriquecedora, à medida que me motivou a conhecer mais sobre o povo e a língua e continuar a pesquisa na área de Linguística.

Em julho de 2008, acompanhada pela orientadora Profa. Dra. Cristina M. Fargetti e pela graduanda Beatriz, tive a oportunidade de realizar minha primeira pesquisa de campo, após ter realizado Estágio Departamental em “Estudos do léxico juruna”.

Nossa viagem a campo teve o apoio financeiro do Instituto Socioambiental (ISA) para o trajeto entre Araraquara (SP) e a aldeia Tubatuba (MT), por transportes aéreo, rodoviário e fluvial.

A coleta foi realizada na “Escola Estadual Indígena de Educação Básica Central Kamadu”, que fica em Tubatuba, junto a vários homens juruna (professores e alunos). (entre professores e alunos). Imagens das aves, suas vocalizações e descrições de seu habitat foram apresentadas aos juruna, que discutiam a ocorrência de certa espécie na região, seu nome, seus hábitos e a ortografia de cada palavra na língua indígena. A mediação da professora Cristina M. Fargetti, pesquisadora com vasta experiência na área, foi fundamental para o êxito da coleta. No entanto, devido à grande quantidade de informação e ao curto período de permanência na aldeia, muitas questões precisavam ser esclarecidas. Nessa viagem, tive a oportunidade de ministrar algumas aulas de língua portuguesa para professores e alunos da escola juruna e de assistir às aulas ministradas pela professora Cristina, em que foram discutidas questões de ortografia e de produção de texto na língua juruna.

Em julho de 2009, voltamos a campo, dessa vez como participante do projeto “Inventário da língua juruna”, financiado pelo convênio firmado entre ABRALIN-IPHAN e a Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”. Acompanhada pela orientadora do projeto, Profa. Dra. Cristina, e por outros três graduandos (Beatriz Maria de Freitas Maciel, Moyzes Peixotto e Priscilla Alyne Sumaio), permanecemos 18 dias na aldeia Tubatuba, no Xingu

(MT). Nessa ocasião, tive a oportunidade de ministrar aulas de produção de texto em língua portuguesa e de assistir ao processo de produção do livro sobre cultura material estruturado por Fargetti (2010) junto aos falantes, sob o título *Yudja kamena dju'a papera*. Ainda, tive a oportunidade de checar os dados da coleta anterior (2008) com os dois informantes, Tarinu e Tahurimã, que são especialistas em aves. Por conta da proximidade criada em um trabalho de coleta diário e pelo menor número de pessoas envolvidas, esse trabalho de campo foi distinto do anterior. As sessões em que eu propunha várias perguntas aos informantes transformaram-se, por vezes, em diálogos, fato que proporcionou o surgimento de novas questões.

Para cada espécie presente no programa “Brasil 500 pássaros”, existente na região ou conhecida pelos juruna, os informantes nos deram o seu correspondente na língua juruna. Por vezes, eles nos ofereceram nomes idênticos para aves distintas, o que parece nos indicar a “etnoclassificação”. Quando questionados sobre tal fato, os informantes passaram a nos indicar qual das espécies é considerada pelos juruna como sendo a “verdadeira”. Os critérios por eles utilizados necessitam de investigação. Além disso, é necessária uma reflexão sobre o tratamento que um trabalho lexicográfico acurado dará a essas homônimas. Notamos também, que os juruna possuem nomes distintos para as aves que eles criam, ou seja, possuem apelidos para as aves domésticas. Contudo, não coube a este trabalho de pesquisa o estudo lexicológico desses nomes.

O pesquisador Márcio D’Olne Campos (2000) atenta para a necessidade de se ter um trabalho de campo em que o diálogo respeite os referenciais do “outro”, em que sejam compreendidos os conceitos na própria cosmologia e cosmogonia do grupo pesquisado.

Dessa forma, serão necessários novos contatos com os falantes para que sejam elucidadas as dúvidas sobre a formação dos nomes para aves em juruna e compreendidos os pontos referentes ao que é denominado de maneira problemática por Jensen (1988) e por outros autores como “etnoclassificação”.

A “etnoclassificação” é o que poderíamos chamar de “conhecimento juruna sobre as aves de sua região”. Isso se diferencia da “Ornitologia”, como ciência, uma vez que é o conhecimento constituído por observação diversa, não circunscrita a uma “disciplina”, nem prerrogativa de poucos especialistas, uma vez que se relaciona com o cotidiano da comunidade indígena. Muitas vezes, nesse conhecimento sobre as aves, se inter-relacionam outros conhecimentos, tais como: migrações de aves, de acordo com a época de determinados frutos na mata; possibilidade de encontrar outros animais junto de determinadas aves; relações entre aves diferentes (localização e uso comum de ninhos, conflitos por alimentos, etc); relação com mitologia; relação com o calendário (indígena) e outros. Trata-se, portanto, de um conhecimento amplo – sem os numerosos compartimentos que definem o nosso saber – e que tem grande importância, uma vez que é um “olhar” para o meio ambiente não conhecido pela nossa “Ciência & Tecnologia”, mas que a ela seria muito caro.

Para nos aproximarmos de tal conhecimento indígena, nosso olhar não deve ser o de tentar encontrar a classificação da nossa ornitologia entre os juruna, mas perguntarmos qual seria a classificação deles, o “olhar” deles para as aves. Essa nossa aproximação se dá pela abordagem etnográfica, tendo em vista os trabalhos de antropólogas já realizados sobre os juruna (Lima, 1996, 1995, 1986 e Oliveira, 1970) e, também, pela metodologia apontada por Campos (2000), o qual discute as “etno-disciplinas”.

No artigo *‘Estar lá’ e ‘estar aqui’*, Campos (2000) defende a necessidade do ir-e-vir entre o “estar lá”, referindo-se ao campo e o “estar aqui”, referindo-se à academia, desde que no trabalho de campo seja mantido o espírito do especialista. Desse modo:

No processo do ir-e-vir importa muito a escolha de pontos de vista ou referenciais de observação e o modo como os especialistas os utilizam em suas leituras do mundo e na relação dialógica, tanto com os “outros” das sociedades pesquisadas, como também com seus pares. Para isso torna-se essencial uma perspectiva que articule constantemente as abordagens trans- e interdisciplinares: na leitura do mundo. Transcender as disciplinas para poder transitar entre elas interdisciplinarmente (CAMPOS, 2000, s/p).

Desse modo, as etno-disciplinas representam a manutenção de um pensamento etnocêntrico, em que o saber do outro é apenas validado em relação a nossa ciência, denominação que tenta encobrir a idéia de que o saber oriundo da academia tem autoridade sobre os demais saberes. O filólogo e linguista Giorgio Cardona defende que:

[...] todas as formas de classificação que o homem escolheu para dar ordem e nome àquilo que ele vê em torno a si são substancialmente equivalentes, são todas substancialmente científicas, se mais não fosse que pelo sentido óbvio através do qual o substantivo scientia deriva de scio, 'sei', e, portanto toda organização do nosso conhecimento é uma scientia; cada uma responde a uma fundamental exigência do homem, aquela de reencontrar-se, medir-se, conhecer-se, dar-se ordem medindo, conhecendo, ordenando tudo o que se encontra em torno, semelhante ou não a ele (CARDONA apud CAMPOS, 2000, s/p).

Dessa maneira, seguindo o posicionamento adotado por Campos (2000), a nossa pesquisa se pauta em uma “etnografia da ciência do outro, construída a partir do referencial de saberes da academia” (Campos, 2000, s/p), que requer um estudo transdisciplinar, uma vez que não existem correspondências inequívocas entre o nosso modo compartimentado de “olhar” o mundo e os “olhares” de outras culturas.

3. DISCUSSÕES PRELIMINARES

Nesta seção apresentaremos reflexões sobre a constituição da Lexicologia como ciência, a hipótese Sapir-Whorf e sobre a contribuição de estudos que tenham como base a interface existente entre o mundo biológico e os dados linguísticos.

3.1. Lexicologia e a hipótese Sapir-Whorf

No texto “Lexicologia e Lexicografia”, Nunes (2006) considera as duas tendências linguísticas que se constituíram historicamente após a identificação, classificação, descrição e organização das palavras em listas surgidas no terceiro milênio antes de Cristo, provavelmente, com função mnemônica: o estudo das unidades lexicais (lexicologia) e a confecção de glossários e dicionários (lexicografia).

O autor descreve as diferenças entre essas duas áreas. A lexicologia identifica e descreve as unidades lexicais e tende para um saber especulativo "situado puramente no elemento da representação abstrata" (AUROUX *apud* NUNES, 2006). Ela, a lexicologia, estabelece critérios fonológicos, morfológicos, sintáticos ou semânticos de identificação das unidades lexicais, trabalhando com uma ou outra dessas áreas.

Por sua vez, a lexicografia, de acordo com Nunes (*op. cit.*), desenvolve métodos e técnicas para produzir dicionários em suas diversas formas (monolíngües, bilíngües, gerais, escolares), conduzindo a um saber prático – "finalizado pela necessidade de adquirir um domínio". Assim, a lexicografia se preocupa com a aquisição de um domínio da língua, de um domínio de escrita e de um domínio de enunciação e de discurso.

Nunes (*op. cit.*) mostra que os estudos da palavra foram elaborados durante séculos de controvérsias e de atividades práticas. No período em que a lingüística moderna negou à lexicologia sua validade enquanto ciência para dedicar-se ao estudo exclusivo das formas e

funções imanentes, o interesse de sociólogos, etnólogos e pessoas de outras áreas pela lexicologia apenas aumentou.

Apesar desse período de incertezas, Nunes (*op. cit.*) afirma que a lexicologia é uma disciplina imprescindível à lingüística, por seu vínculo com a morfologia e com a semântica “e por ser um ponto de encontro nas ciências humanas, além de ser indispensável à maior parte das ‘aplicações’ da lingüística, desde a filologia e a tradução até a confecção de dicionários” (NUNES, 2006, p.151).

Na segunda parte de *Teorias Lingüísticas*, “Fundamentos da Lexicologia”, Biderman (2001) discute a existência de uma unidade léxica, a palavra, conceito de base grega contestado por diversos linguistas. A autora salienta que todo falante tem uma consciência intuitiva de uma unidade léxica, independentemente de sua língua materna. São mencionados também os dados fornecidos pela Psicolingüística que indicam que a palavra é uma entidade psicolingüística primordial, a primeira que articula o discurso humano. A autora afirma que na primeira etapa da aquisição do signo lingüístico, a fala infantil se caracteriza pela "fala holofrástica", ou seja, sentenças completas da fala adulta que são representadas por palavras isoladas.

Biderman (*op. cit.*) discorre sobre o modo como a teoria gramatical clássica estabeleceu a palavra como unidade operacional e como a partir do “VI Congresso Internacional de Lingüística”, em 1948, esses conceitos foram seriamente questionados e a conceituação da palavra dividiu opiniões entre os linguistas.

No artigo “Dimensões da palavra”, Biderman (1998, p.88) afirma que “é a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas”. Em sua explanação sobre a teoria presente em *Biological foundations of language*, do neurolinguista E. Lenneberg, Biderman afirma que:

[...] a atividade de nomear, isto é, a utilização de palavras para designar os referentes extra-lingüísticos é específica da espécie humana. A nomeação resulta do processo de categorização. Entende-se por categorização a classificação de objetos feita por um sujeito humano, resultando numa única resposta a uma determinada categoria de estímulos do ambiente. A categorização supõe também a capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendidos pelo aparato sensitivo e cognitivo do indivíduo (BIDERMAN, 1998, p.88).

Como ressaltado pela autora, o processo de categorização subjacente à semântica de uma língua natural tem critérios de classificação diferenciados e variados, por isso “a conceptualização da realidade configura-se linguisticamente em modelos categoriais arbitrários não-coincidentes” (BIDERMAN, 1998, p.92).

Ao tratar da dimensão cognitiva da palavra, Biderman (*op. cit.*) utiliza-se da hipótese Sapir-Whorf, na qual é defendida a idéia de que cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais.

Primeiramente, Biderman (1978) menciona a teoria de Sapir, que afirma que a própria percepção que o indivíduo tem da realidade é pré-moldada pelo sistema lingüístico que ele utiliza, pois as categorias existentes nessa língua o predis põem a certas escolhas de interpretação do real. No entanto, a pesquisadora afirma que foi Whorf quem procurou demonstrar essa teoria de maneira mais radical e menos abstrata, procurando aplicá-la a línguas indígenas da América (em particular, o Hopi). De acordo com Sapir:

A linguagem é um guia para a “realidade social” [...] Os seres humanos não vivem só no mundo objetivo, ou só no mundo da atividade social como normalmente se admite, mas vivem quase totalmente à mercê da língua específica que se tornou o meio de expressão para a sua sociedade. É ilusório imaginar que alguém possa fundamentalmente ajustar-se à realidade sem o uso da linguagem e que a língua seja apenas um recurso qualquer para resolver problemas específicos de comunicação ou reflexão. O fato é que “o mundo real” é, em grande parte, construído inconscientemente sobre a base dos hábitos lingüísticos do grupo. Não existem duas línguas, por mais semelhantes que sejam, que possam ser consideradas como

representantes da mesma realidade social. Os mundos em que vivem as diferentes sociedades humanas são mundos distintos e não um só e mesmo mundo, ao qual se teriam apostado etiquetas diferentes (SAPIR *apud* BIDERMAN, 1998, p.93).

A hipótese Sapir-Whorf teve diferentes interpretações que ficaram tradicionalmente conhecidas como as versões forte e fraca. Os adeptos do determinismo linguístico, versão forte, defendem que a linguagem determina o pensamento do falante, ou seja, a língua o limita a certos condicionamentos de interpretação. Já os adeptos ao relativismo linguístico, versão fraca, defendem que a linguagem é um dos fatores que influenciam o entendimento da realidade (TILIO, 2007, p.109).

Apesar do pouco crédito que atualmente grande parte do meio acadêmico atribui ao determinismo linguístico, debates que tenham como tema os limites desse condicionamento da sociedade continuam a ser travados. O artigo publicado no periódico "Current Anthropology" pelo linguista Daniel Everett (2005), por exemplo, retoma essa hipótese. De acordo com o pesquisador, a língua amazônica pirahã não possui recursividade, não têm palavras para cores e seus falantes contam apenas até três, fatos que refletiriam que a experiência imediata limita a competência linguística. Essa afirmação provocou forte reação dos pesquisadores que apóiam suas análises na gramática universal chomskyana. Assim, o fato de os pirahã terem três maneiras de quantificarem, por exemplo, não indica que eles sejam povos culturalmente limitados, mas apenas que eles não necessitam de mais quantificadores (fato semelhante ao que ocorre com alguns povos Tupi).

Entretanto, como ressalta Maria Helena Mira Mateus (2006) em seu artigo "Se a língua é um factor de identificação cultural, como se compreende que uma língua viva em diferentes culturas?", a partir do desenvolvimento da teoria chomskyana, a linguística voltou-se "para as questões da origem e conhecimento da competência linguística, e tem como principal objectivo a procura dos princípios da gramática universal e dos parâmetros para os

quais cada língua fixa um determinado valor” (MATEUS, 2006, p.6). Concepção essa que está distante do “relativismo psico-linguístico”, em que o homem é tido como produto da cultura na qual está inserido, em que as diferenças culturais espelham-se nas diferentes línguas, evidenciando diferentes maneiras de estar no mundo. Assim, de acordo com a autora:

O espaço de discussão sobre as relações entre língua e cultura tem sido progressivamente preenchido pelas preocupações dos sociolinguistas no que respeita às questões da variação linguística. A grande importância atribuída à variação das línguas, em interacção com a variação das sociedades, abriu campo para o estudo dos factores intervenientes nessa variação, internos e externos, históricos e resultantes do contacto entre línguas, e para o desenvolvimento das perspectivas teóricas nesta área. Bilinguismo e multilinguismo, alternância de códigos, línguas mistas e línguas crioulas supõem, evidentemente, capacidades cognitivas e programas inatos, mas não estabelecem com essas capacidades e programas uma relação de causa a efeito. Ou seja, a variação das línguas não resulta apenas das capacidades cognitivas do homem, mas da interacção dos factores estritamente linguísticos e dos factores sociológicos (MATEUS, 2006, p.8).

Dessa forma, a hipótese Sapir-Whorf tem que ser analisada com ressalvas, uma vez que não há como se comprovar a hipótese de que existe uma pressão da língua sobre a cognição humana, como defendido pelo determinismo linguístico, assim como devem ser analisadas com ressalvas teorias que ignorem o condicionamento sócio-cultural da língua. Na relação entre língua e cultura não há como se determinar qual fator predetermina o outro.

3.2. Sobre a interface existente entre os sistemas biológicos e os dados linguísticos

O estudo e a documentação de uma língua indígena brasileira possuem relevância para o conhecimento linguístico, podendo contribuir com a discussão de teorias e melhor compreensão da linguagem humana. Dessa forma, um estudo que parte de seu léxico, com vistas, posteriormente, à elaboração de verbetes de um dicionário bilíngüe, constitui importante empreendimento científico. Inclusive, este trabalho permite um diálogo com pesquisas realizadas sobre línguas brasileiras e a continuidade da documentação e descrição

da língua juruna (FARGETTI, 2007, 1994, 1992, FARGETTI; RODRIGUES, 2008, 2005), que, tendo em vista seu número de falantes, em relação à sociedade majoritária, pode ser considerada ameaçada de substituição pela língua portuguesa, e, em consequência disso, apresenta risco de perda iminente.

O conhecimento do campo semântico “aves”, em juruna, permite a compreensão de processos de formação de palavras, de aspectos fonológicos relevantes como acento e tom, reduplicação, etc, além da compreensão inicial do tipo de classificação juruna para as aves (“etn classificação”), que pode apresentar importância na cultura do grupo. É evidente que os juruna conhecem bem as aves e que o conhecimento delas ocupa uma posição importante na sua cultura, manifestada por meio de mitos.

A tese *Sistemas indígenas de classificação de aves* foi defendida por Jensen na Universidade de Campinas, em 1985. Já na primeira edição de *Ornitologia Brasileira*, de 1987, Sick destaca a iniciativa de Jensen como um importante estudo para a compreensão da maneira como as populações indígenas sistematizam o conhecimento relacionado ao mundo biológico.

Nesse estudo, Jensen (1988) examina sistemas classificatórios de aves de quatro grupos indígenas (wayampí, urubu-kaapor, sateré-mawé e apalaí), que, segundo o autor, guardam semelhanças relativas ao ambiente e ao estilo de vida. No entanto, é importante ressaltar que Jensen realiza seu estudo comparativo partindo da análise minuciosa do sistema wayampí de classificação de aves. Desse modo o pesquisador pretende identificar os aspectos característicos do sistema classificatório Tupi para compreender os papéis que o ambiente físico, a cultura e a língua desempenham na evolução desses sistemas.

Jensen (*op. cit.*) ressalta que a etnobiologia pode oferecer um critério aplicável diretamente aos dados lingüísticos e antropológicos. Assim, o autor defende que aspectos da biologia sistemática, conforme percebidos pelos povos indígenas, ofereceriam um critério

relativamente estável em comparação com os fatores culturais e lingüísticos. O pesquisador atenta para o fato de que desde 1954 estudos cognitivos têm sido desenvolvidos para entender culturas humanas como sistemas de conceitos. De acordo com o autor, esses estudos evidenciam que a maioria dos seres humanos em todas as partes do mundo usa estratégias semelhantes ao organizar conceitos biológicos. Assim, estudos como o realizado por Jensen e o por nós iniciado podem contribuir para uma melhor compreensão dos universais de classificação biológica dentro de uma cultura ou entre culturas distintas, tornando-se um instrumento importante para se estudar as origens e rotas de dispersão das diversas línguas indígenas.

Na esteira de Jensen, escolhemos as aves como meio de pesquisa na interface existente entre cultura, língua e ambiente pelas seguintes razões:

1. É indiscutível o conhecimento que os Juruna possuem sobre as aves e a posição importante que esse conjunto de informações e princípios armazenados e passados de geração para geração ocupa dentro do grupo, como é possível notar por meio dos mitos existentes.
2. A classificação das espécies dentro da classe Aves pode se valer de um amplo conjunto de critérios morfológicos, ecológicos, etológicos⁶ e acústicos.
3. O número de espécies de aves na região onde se localiza o povo juruna é alto, o que permite uma ampla base de dados e um estudo aprofundado.
4. A classe Aves, por ser uma descontinuidade biológica com fronteiras claramente observáveis, possibilita a realização de estudos comparativos entre grupos indígenas distintos.

⁶ Etologia refere-se ao ramo da Biologia que se dedica ao estudo do comportamento dos animais.

5. As figuras, vocalizações e descrições do habitat de cada ave presentes no programa “Brasil 500 pássaros” se mostrou um ótimo instrumento para a realização da pesquisa.

Jensen (1988) se utiliza dos estudos realizados por Berlin (1972, 1973, 1976) e Berlin, Breedlove & Raven (1973, 1974) para mostrar as distinções e similaridades entre os sistemas cognitivos dos grupos humanos, identificando uma lista de princípios de classificação e nomenclatura baseados em dados de sete grupos lingüísticos. De acordo com Jensen, além da lista de princípios, Berlin *et al* (1973) tentaram mostrar que os seres humanos utilizam estratégias semelhantes ao organizar conceitos biológicos. Os autores mencionam também que a quantidade de nomes classificatórios tem um limite, uma vez que esse número deve ser de tal modo restrito que cada um dos falantes da língua possa transmitir seu conhecimento à próxima geração. Assim, eles afirmam que o limite superior do léxico classificatório é de 3000 a 4000 palavras⁷. Esse fato permite que estudos comparativos sejam realizados, observando-se a existência de empréstimos entre culturas distintas, além de possibilitar a identificação dos critérios empregados na classificação do mundo biológico ao nível da palavra.

⁷ Cf. Jensen, 1988.

4. ANÁLISE DOS DADOS

A sistematização e comparação entre os nomes coletados nas pesquisas de campo de julho de 2008 e julho de 2009 indicam que os Juruna reconheceram duzentos e sessenta e duas aves das quinhentas e seis presentes no programa “Brasil 500 pássaros”.

Pretendeu-se com esta monografia, concluir a sistematização dos dados e identificar os recursos utilizados na formação de cada nome coletado. Um dado nome de identificação não somente identifica uma espécie, mas também pode fornecer informações de parentesco e detalhes sobre a morfologia ou aspectos do comportamento de cada ave.

A escrita dos nomes para aves em juruna segue a ortografia proposta por Fargetti (1994). Para a transcrição fonética, utilizamos o alfabeto do International Phonetic Alphabet (IPA). Assim, cada nome conta com dois tipos de transcrição: a ortográfica e a fonética, servindo a objetivos diferentes. As marcações de tom foram suprimidas por não serem pertinentes à análise por nós aqui realizada.

Por meio da análise dos dados obtidos, pudemos levantar algumas hipóteses sobre os recursos da língua utilizados na formação dos nomes para aves em Juruna.

Antes de se começar qualquer análise lexicológica é necessária a compreensão de que a língua é um sistema constituído por partes interdependentes. No entanto, por ser inviável o estudo desse sistema de uma só vez, várias frentes lingüísticas tentam explicá-lo. Os estudos referentes à categorização do mundo biológico, por exemplo, permitem o conhecimento dos processos de criação de palavras a partir de aspectos fonológicos, gramaticais e lexicais já existentes na língua.

Assim, apresentaremos neste trabalho a análise de alguns recursos fonológicos – como a utilização de onomatopéias no processo de formação do léxico juruna; morfológicos, utilização de afixos, reduplicação, entre outros; e morfossintáticos – por meio do estudo dos

compostos genitivos, compostos estativos e cláusulas relativas. Por se tratar de pesquisa que se realiza na interface existente entre língua e cultura, o aspecto semântico também é relevante, uma vez que permite distinguir as formas monossêmicas das polissêmicas e estudar as relações metafóricas ou metonímicas presentes nos nomes de aves em juruna.

4.1. Nomes para aves em Juruna

Shachter (1985) afirma que para se definir as classes de palavras de uma língua devem ser utilizados critérios gramaticais (morfo sintáticos), não critérios nocionais ou semânticos. Desse modo, as línguas do mundo não possuem as mesmas classes de palavras, uma vez que as características gramaticais não são idênticas em todos os sistemas lingüísticos.

Em sua tese, Fargetti (2001), seguindo Schachter (*op. cit.*), realiza uma análise das classes de palavras em Juruna partindo do preceito de que existem classes abertas – que permitem inovação, como nomes, verbos e advérbios – e as classes fechadas – que possuem um número fixo de elementos, como posposições, pronomes, clíticos, e partículas.

De acordo com a pesquisadora, em Juruna, a classe dos nomes é constituída “por elementos que podem ocorrer como núcleo de sintagma nominal em função de argumentos de verbos e de preposições” (2001, p. 109), podendo ser modificados por possessivos, demonstrativos numerais e estativos. Observa-se que os nomes em Juruna se distinguem em simples e derivados. Os nomes derivados são obtidos por afixação (reduplicação) e por composição (endocêntrica e exocêntrica).

4.2. Recursos para a formação dos nomes para aves em Juruna

Por meio da análise dos dados, levantamos algumas hipóteses sobre os recursos da língua utilizados na formação dos nomes para aves em Juruna.

O nome juruna para um táxon⁸ pode ser uma palavra simples (de um só radical), ou composta (mais de um radical).

4.2.1. Palavras simples

Ao sistematizarmos os dados coletados em julho de 2008 e 2009, notamos que, normalmente, as palavras formadas por um só radical constituem o que os informantes chamam de nome geral, ou seja, são nomes de aves prototípicas. O nome “ware”, por exemplo, congrega várias espécies que os juruna acreditam ser similares. A compreensão da maneira como esse povo organiza seu conhecimento sobre a avifauna será objeto de nossa investigação futura. Exemplos:

- (01) **uuhu** [uu'φu], Urubu-de-cabeça-preta, *Coragyps atratus*
- (02) **ware** [wa're], Pica-pau-de-topete-vermelho, *Campephilus melanoleucos*
- (03) **yakurixi** [jakuri'fi], Beija-flor-preto, *Anthracotorax nigricollis*
- (04) **yarãbe** [jãrã'bẽ], Pato-do-mato, *Cairina moschata*
- (05) **uxixi** [u'xi'fi], nome geral para Passeriformes

4.2.2. Palavras compostas

De acordo com Fargetti (2001), são considerados compostos os elementos que não apresentam a possibilidade de intercalação de outro elemento (como um modificador, por exemplo) e que apresentam um significado que corresponde à totalidade do composto e não à soma dos significados de cada elemento que o constitui.

4.2.2.1. Compostos genitivos

⁸ Terminologia adotada por Jensen (1988) em diálogo com a etnobiologia. De acordo com o autor, “todas as culturas reconhecem grupos naturais de organismos e os tratam como unidades descontínuas da natureza. Estas descontinuidades são táxons” (p.12).

Em “Argumento e predicado em Tupinambá”, Rodrigues (1996) atenta para o fato de que, nessa língua, não há sintagmas adjetivos, sendo a adjetivação realizada por composição. Dessa forma, segundo o autor, há vários tipos de composição resultando em novos nomes constituídos de nomes mais nomes e de nomes mais verbos. O mesmo ocorre no processo de formação de palavras em Juruna. Entretanto, nessa língua, as composições de nomes mais nomes ocorrem sempre numa relação DETERMINADO – DETERMINANTE, constituindo o que Rodrigues (1996) chama de compostos genitivos. Essas construções seguem uma ordem rígida, em que o possuidor antecede a coisa possuída, ou seja, em que o modificador antecede o nome (cf. Fargetti, 2001, p.155).

NOME + NOME

- (06) **'e'amĩ maka** [ʔeʔa'mĩ ma'ka], espírito – criação, “criação do espírito”, Jacanim,

Donacobius atricapillus

Nesse exemplo, observa-se que o determinado “espírito” é o primeiro radical, **'e'amĩ**, sendo o determinante, **maka**, o segundo. Esse processo ocorre também nos seguintes exemplos:

- (07) **amana idja** [ama'na i'dʒa], “chuva – mãe (mãe da chuva)”, Maçarico-pintado,

Actitis macularia

- (08) **audu maka** [aʊ'du ma'ka], “marimbondo – criação (criação do marimbondo)”,

Cabeça-de-prata, *Pipra Iris*

- (09) **aurupada adaka** [aoru'pa a'daka], “planta água-pé – verme (verme da água-pé)”,
Jaçanã ou Piaçoca, *Jacana jacana*
- (10) **aparu abe itxa iwaa** [apa'ru a'be itʃa iʊ'aa] “mandioca – casca – caldo –
dono (dono do caldo da casca de mandioca), Maria-cavaleira, *Myiarchus ferox*
- (11) **kuala alaa** [kua'ʔa a'ʔaa] “migrante – aldeia (migrante da aldeia)”, Garça-branca-
grande, *Casmerodius albus*

Os nomes para aves compostos por NOME + NOME em Juruna são, em sua maioria, constituídos pelo determinante **maka** (08), que significa “criação”. Encontramos também nomes de espécies formados pelos determinantes **adaka**, que significa “verme” (08) e (09), ou seja, há uma relação de dependência entre os dois nomes; **idja**, que corresponde à “mãe” (07), e **iwaa** (10), que corresponde a “dono”. Uma interessante característica dos compostos possessivos é que eles oferecem informações relevantes, ao nível da palavra, referentes ao mundo biológico e à cosmogonia juruna, como podemos observar em (11), o único composto possessivo constituído pelo determinante **alaa**, “migrante”.

4.2.2.2. Compostos estativos

Em sua tese, Fargetti (2001) afirma que os itens que exprimem conceitos equivalentes aos expressos por adjetivos em Português, funcionam em Juruna como verbos estativos, um tipo de verbo intransitivo.

- (12) **iya imaxã** (FARGETTI, 2002)⁹
rio sinuoso
“O rio sinuoso” (ou “O rio é sinuoso”)

⁹ Em todos os exemplos retirados da tese de Fargetti (2001), suprimimos as marcações de tom.

Assim, em (12), observamos que o verbo estativo pode ser um atributo (“O rio sinuoso”), comportando-se como o modificador de um nome ou pode ser um predicativo (“O rio é sinuoso”), desempenhando a função de verbo. A pesquisadora ainda afirma que

[...] segundo Shankara Bath (1994:49), entre outras diferenças entre adjetivos e verbos em línguas em que eles são classes distintas, os primeiros ocorrem em sua forma não marcada na posição de nomes e requerem, como tais, modificações (o uso de afixos ou de um auxiliar) para funcionar como predicados, e os últimos (verbos) ocorrem em sua forma não-marcada como predicados e têm de ser mudados para participios ou outras formas derivadas para ocorrer na posição de nomes (FARGETTI, 2001, p.119).

Fargetti (2001, 2002) ressalta que, em Juruna, o que se apresenta como um modificador (adjetivo, na maioria das línguas), ou seja, o estativo, não requer modificações para funcionar como predicado e pode até mesmo receber marca aspectual. Além disso, assim como os verbos, podem ocorrer na posição de nomes, desde que sejam nominalizados:

(13) **ikiahã-yãhã iyu** (FARGETTI, 2001, p.120)

bonita-nom dormir

“A bonita dormiu”

Em Juruna, as composições formadas por nome + verbo estativo ocorrem sempre numa relação DETERMINANTE – DETERMINADO. Os nomes assim compostos são denominados de compostos descritivos por Rodrigues (1996). Em nossa análise, denominamos esses compostos de estativos, seguindo a orientação teórica adotada por Fargetti (2001). Essas construções são, em sua maioria, formadas pelo nome prototípico de uma ave acrescido por um verbo estativo, como nos exemplos a seguir:

NOME + VERBO ESTATIVO

- (14) **aberi asurĩrĩ** [abe'ri a'sũrĩrĩ], juriti – vermelha, “juriti vermelha” ou “a juriti é vermelha”, Juriti-piranga, *Geotrygon Montana*
- (15) **adura xixĩ** [a'dura 'ʃiʃi], martim-pescador – pequeno “martim-pescador pequeno”, “o martim-pescador é pequeno” Arirambinha, *Choloceryle aenea*
- (16) **mamanã urahĩhĩ** [mama'nã ura'hĩhĩ], ariramba – grande, “ariramba grande” ou “a ariramba é grande”, Ariramba-da-copa, *Galbula dea*

Nesses exemplos, é seguida a ordem DETERMINADO – DETERMINANTE, ou seja, o verbo estativo é posposto ao nome e o modifica como um atributo. O determinado **adura**, “martim-pescador”¹⁰, por exemplo, é seguido pelo determinante **xixĩ**, “pequeno”. No entanto, como salientado por Fargetti (2001, p.157), cada uma dessas construções pode ser interpretada como uma sentença em que o nome é um argumento do verbo estativo.

4.2.2.3. Cláusulas relativas

Como observado por meio da análise dos dados, parte das palavras compostas que formam o vocabulário referente à avifauna em Juruna, são constituídas por modificadores que podem ser um substantivo ou uma forma verbal estativa. Entretanto, existem nomes de aves que são formados por cláusulas relativas.

De acordo com Fargetti (2001, p.246), a relativização do sujeito da oração (transitiva ou intransitiva) é dada pelo sufixo **-yã**. Assim, a pesquisadora afirma que

¹⁰ Nesses casos, optamos pela adoção da tradução de **aberi**, **adura** e **mamanã**, como, respectivamente, “juriti”, “martim-pescador” e “ariramba”, uma vez que os dados coletados apontam para a existência de equivalência entre os nomes classificatórios em juruna e em português. No entanto, é importante ressaltar que os sistemas de classificação de aves não são correspondentes, assim como a classificação representada pelos nomes populares em português não correspondem exatamente à classificação denominada científica. Por exemplo, as espécies cujos nomes populares em português são formados pelo determinado “andorinha” são, na maioria das vezes, pertencentes à Família *Hirundinidae*. No entanto, quando nos reportamos à espécie “andorinha-do-mar-preta”, referimo-nos a uma espécie pertencente à Família *Laridae*.

Seguindo a classificação de Keenan (in Shopen), **-yã** e **-yahã** compõem relativas externas pós-nominais. Pós-nominais porque a sentença relativa vem geralmente depois do nome, e externas porque posicionam-se externamente aos elementos de seu escopo (FARGETTI, 2001, p.247).

- (17) [senahĩ [txa-txa-yã]] ibiaibĩa dju txa (FARGETTI, 2001, p.247)
 homem ir-red.-nom dinheiro com. ir
 N domínio S relativa
 “O homem que foi embora levou o dinheiro”

É importante notar em (17), que o verbo sofre reduplicação quando ocorre com **-yã**. Observamos que isso também ocorre nos nomes de aves compostos por cláusula relativa (a reduplicação será discutida na subseção 7.4.), como nos exemplos:

- (18) **turuxari karia-ria-yã** [turuʃa'ri kariaria'jã], Sabiá-laranjeira, *Turdus rufiventris*
 sabiá dançar-red-nom
 “sabiá que é dançarino”
- (19) **uru epa-kua he-he-yã** [u'ru epaku'a hehe'jã], Andorinha-do-rio, *Tachycineta albiventer*
 andorinha madeira oco loc. red. nom.
 “andorinha que fica no oco do pau”
- (20) **turuxari ewaa he-he-yã** [turuʃa'ri eʊ'aa hehe'jã], Sabiá-da-mata, *Turdus fumigatus*
 Sabiá campo loc. nom.
 “sabiá que fica no campo”

Em (19) e (20), notamos que o locativo **he**, que, segundo Fargetti (2001, p.137) indica localização espacial, encontra-se reduplicado – comportando-se como um verbo –, e é relativizado pelo sufixo nominalizador **-yã**.

4.3. Simbolismo sonoro: as onomatopéias

Em *Curso de Lingüística Geral*, Saussure afirma que as onomatopéias

Não são jamais elementos orgânicos de um sistema lingüístico. [...] Não apenas são pouco numerosas, mas sua escolha é já, em certa medida, arbitrária, pois que não passam de imitação aproximativa e já meio convencional de certos ruídos. [...] Em resumo, as onomatopéias são de importância secundária, e sua origem simbólica é em parte contestável (SAUSSURE, 2004, p.83).

Em “Onomatopeyas del euskara: análisis y ejemplos”, Antuñano (2009) atenta para o fato de que ao se colocar as onomatopéias como casos marginais, deixa-se de lado o estudo desse processo de formação de palavras que é extremamente produtivo em muitas línguas do mundo. Além da influência da opinião de lingüistas mais clássicos, Antuñano (*op.cit.*) aponta outros fatores que corroboram para a escassez de estudos lingüísticos que tratem das onomatopéias de maneira mais aprofundada, como a diversidade de “etiquetas” e delimitação do conteúdo, disparidades que dependem não apenas do teórico como também das línguas que são objetos de dado estudo; características lingüísticas peculiares desse tipo de processo; sua utilização em registros orais; dificuldade para sua tradução; e forte carga sociolingüística que o seu uso carrega.

Dessa forma, adotamos neste trabalho o conceito de simbolismo sonoro presente em *Sound Symbolism*, de Hinton *et al* (1994), que o definem como a união direta entre som e significado. Assim, existem palavras onomatopaicas – as que tentam reproduzir os sons dos

animais, por exemplo –, no entanto, de acordo com Antuñano (2009) e Hinton *et al* (1994) a maioria dessas palavras não apenas imitam sons, mas representam estados, maneiras, características visuais, etc. De acordo com Antuñano (*op.cit.*), as onomatopéias são apenas um tipo desse grupo de palavras. Hinton *et al* (1994) propõem uma classificação para os diferentes tipos de simbolismo sonoro:

- Simbolismo sonoro corporal: uso de alguns sons ou padrões tonais para expressar o estado interno, tanto emocional quanto físico, do falante;
- Simbolismo sonoro imitativo: onomatopéias que representam sons da natureza;
- Simbolismo sonoro sinestésico: representação, através de símbolos acústicos, de fenômenos não auditivos, como as propriedades visuais, tácteis ou proprioceptivas.
- Simbolismo sonoro convencional: associação analógica de certos fonemas ou grupos de fonemas a certos significados.

Grande parte dos nomes para aves em juruna é formada por palavras onomatopaicas, ou seja, palavras que são formados por simbolismo sonoro imitativo. No presente trabalho, não analisaremos as palavras formadas por outro tipo de simbolismo sonoro.

Em *Morfologia Portuguesa*, Monteiro (2002, p.195) denomina o processo de formar onomatopéias de “fonossemia”. O autor afirma que esse processo decorre da necessidade de se utilizar, na atividade comunicativa, palavras que expressem os sons que nos circundam. No entanto, ele ressalta que existe uma nítida diferença entre os ruídos naturais e os fonemas, uma vez que estes são produzidos pelo aparelho fonador e são caracterizados por serem articuláveis. Dessa forma, para o autor, a onomatopéia se caracteriza pela tentativa de se reproduzir determinado som físico por meio de fonemas, representações que variam de língua para língua, uma vez que os inventários fonológicos são diferentes em cada idioma. Para

ilustrar tal processo de formação de palavras, Monteiro (2002) traz exemplos como “piopio”, “cocoricó”, “bem-te-vi”, e outros.

Por sua vez, o ornitólogo Sick (1997) ressalta que o hábito de fazer da vocalização de aves o nome popular da espécie é tão antigo como a própria humanidade. Ele afirma que os nomes dados por alguns povos indígenas americanos dão uma perfeita impressão da respectiva vocalização, como por exemplo: nandu, jaó, coró-coró, tacha, inhuma, acauã, caracará, quiri-quiri, carão, arara, muru-cututu, bacurau, birro e canã¹¹. Assim, por meio de recursos lingüísticos podem-se reproduzir qualidades proeminentes da voz de determinada ave.

Nos nomes onomatopaicos para aves em juruna, o elemento imitativo pode ser monossilábico ou polissilábico, podendo haver ou não reduplicação, como em (21) e (22). O número de sílabas reduplicadas na onomatopéia parece refletir o número de sílabas percebidas como formando uma unidade no canto, (23) a (25), de Jensen (1988, p.20). Exemplos:

- (21) **tximina** [tʃi'mina], Saci, *Tapera naevia*
- (22) **xaraku** [ʃara'ku], Saracura-três-potes, *Aramides cajanea*
- (23) **ṭiṭiṭi** [ṭiṭi'ki] Bem-te-vi, *Pitangus sulphuratus*
- (24) **xikãxikã** [ʃi'kãʃi'kã] Chincoã, *Piaya cayana*
- (25) **kaukau** [kau'kau], Socó-grande, *Ardea cocoi*

¹¹ cf. SICK, 1997, p.108.

Alguns nomes de aves em juruna são constituídos pelo nome onomatopaico acrescido de um verbo estativo que, normalmente, traz informações relativas ao tamanho ou à cor de uma dada espécie. Exemplos:

- (26) **xikaxikã xixi** [ʃikãʃi'kã 'ʃiʃi], nome onomatopaico prototípico + pequeno, arianinha-amarela, *Capsiempis flaveola*
- (27) **txutxuru awiïwïi** [tʃutʃu'ru awiïwïi], nome onomatopaico prototípico + branco, Choca-bate-cabo, *Thamnophilus punctatus*

No entanto, por vezes, um dado nome onomatopaico está posposto ao nome prototípico de certa ave, particularizando-a. Exemplos:

- (28) **uxixi kararã xixi** [uʃiʃi kara'rã 'ʃiʃi], Arapaçu-riscado, *Xiphorhynchus obsoletus*
- (29) **uxixi kararã urahihi** [uʃiʃi kara'rã ura'hihi] Arredio-do-rio, *Cranioleuca vulpina*

O nome “uxixi” parece corresponder às espécies que constituem a Ordem dos Passeriformes, hipótese que será checada no decorrer de nossa pesquisa. Sabemos, entretanto, que se trata de um nome geral, prototípico e que, nos exemplos apresentados, é particularizado pelo acréscimo do nome onomatopaico e dos verbos estativos, que podem indicar o tamanho de cada espécie.

Observamos também a ocorrência de nomes onomatopaicos acrescido pela palavra “nana”, que significa “outro”:

(30) **nana kamena**, outra história, “Outra história” (FARGETTI, 2001, p.56)

(31) **pixupixu nana** [pitʃupitʃu 'nana] Flautim-marrom, *Schiffornis turdinus*

Na tese *Estudo fonológico e morfossintático da língua juruna*, Fargetti (2001) apresenta exemplos em que o vocábulo **nana** antecede o sintagma nominal, como podemos observar em (30). No entanto, nos nomes coletados para nomes de ave em juruna, a palavra “nana” sempre está posposta ao nome prototípico, como em (31), em que o nome onomatopaico **pixupixu** é seguido de **nana**. Nos nomes formados por construções possessivas, a palavra “nana” também aparece posposta ao determinado. No entanto, ainda não possuímos mecanismos para explicar tal fato (sua ocorrência posposicionada nos nomes para aves) e não compreendemos os critérios utilizados pelos Juruna para marcar dada espécie como sendo “outra” e manter a homonímia em outros casos (sem utilizar qualquer recurso que particularize certa espécie).

4.4. A reduplicação

Ao pesquisar o fenômeno da reduplicação, notamos que esse processo é muitas vezes deixado à margem ou não recebe o tratamento adequado. Monteiro (2002) e Sandmann (1997) o colocam como um dos tipos especiais de formação de palavras do Português Brasileiro. Por meio da leitura de Fargetti (2001) e pela análise dos dados, observamos que esse processo é altamente produtivo em juruna.

Na língua estudada, o processo de reduplicação ocorre nos nomes e nos verbos. De acordo com Fargetti (*op. cit.*), esse processo implica numa interação entre morfologia e fonologia. Para realizar seu estudo sobre a reduplicação nos verbos em juruna, a pesquisadora

segue a “Morfologia de Molde-CV” proposta por Marantz. Assim, a reduplicação é tida como a afixação de um padrão de morfema, na forma de um esqueleto-CV (FARGETTI, 2001, p. 173). Segundo a pesquisadora:

Inicialmente, Marantz define, de maneira geral/provisória, a reduplicação como um processo morfológico que relaciona uma forma básica de um morfema ou radical a uma forma derivada que pode ser analisada como construída a partir da forma básica via afixação (ou infixação) de material fonêmico, que é idêntico, no todo ou em parte, ao conteúdo fonêmico da forma básica (FARGETTI, 2001, p.174).

A pesquisadora demonstra que, em juruna, a reduplicação que ocorre nos nomes não indica plural, contrário do que ocorre com os verbos. Nos verbos, além de expressar plural (32b) a reduplicação indica reiteração (33b):

- (32) a. **una bīdītu** (FARGETTI, 2001, p.176)
 1s cair
 “Eu caí”
- b. **ulu’udi bīdītu** (FARGETTI, 2001, p.176)
 1p(excl.) cair
 “Nós caímos”
- (33) a. **idja iya awi** (FARGETTI, 2001, p.181)
 mulher água beber
 “A mulher bebeu água”
- b. **idja iya awi-wi** (FARGETTI, 2001, p.176)
 mulher água beber
 “A mulher bebeu água (mais de uma vez, muito)”

Abaixo, apresentamos o processo de reduplicação por sufixação:

(34) **aku'u** rato/coruja (genérico) (FARGETTI, 2001, p. 111)

(35) **aku'u-ku'u** [akuʔukuʔu], Gavião-real, *Harpia harpyja*

Fargetti (*op. cit.*) enfatiza que há muitos nomes de animais em que ocorre a reduplicação, como é possível observar no segundo exemplo. Entretanto, para as aves, notamos que dificilmente se encontram as formas não reduplicadas (primeiro exemplo), uma vez que as formas reduplicadas são, por vezes, onomatopaicas.

Segundo Hinton *et al* (1994, p.9), o fato de uma língua possuir o mecanismo de reduplicação assegura a utilização desse processo na formação de onomatopéias, podendo haver reduplicação total ou parcial de segmentos nessas palavras (conferir os exemplos da subseção anterior). Por meio da análise dos dados, notamos que a quantidade de sílabas reduplicadas – ou triplicadas, como em (36) – parece refletir a percepção que se tem do canto de uma dada espécie:

(36) **aku'u txuipīpī** [akuʔu tʃuipīpī] Bacurau-pequeno, *Caprimulgus parvulus*

A reduplicação também aparece nos nomes para aves constituídos por cláusula relativa, como em:

- (37) **turuxari kariariayã** [turuʃa'ri kariariajã] Sabiá-laranjeira, *Turdus rufiventris*
 ave dançar-red-nom
 “Turuxari que é dançarino”

Nesse exemplo, observamos a reduplicação do verbo “karia”, que corresponde a “dançar” e o sufixo nominalizador “-yã”, que “ocorre geralmente quando se relativiza o sujeito da oração (transitiva ou intransitiva)” (FARGETTI, 2001, p. 246).

Em (38), há a reduplicação parcial do substantivo “noite”, **kamadihu**, que passa a se comportar como um verbo estativo:

- (38) **ekũ kamadihudihu** [e'kũ kamadihu'dihu], **ekũ** – noturno, “**ekũ** noturno”,
 Caburé, *Glaucidium brasilianum*

Há muitos casos de reduplicação nos nomes para aves em juruna, processo que será mais bem analisado com a continuidade de nossa pesquisa.

5. CRITÉRIOS EMPREGADOS PELOS JURUNA PARA IDENTIFICAÇÃO DE AVES AO NÍVEL DA PALAVRA

Por meio da análise dos dados, foi possível observar que os nomes para aves refletem o conhecimento que os juruna têm sobre as espécies que ocorrem em sua região. Por se tratar de conhecimento que está relacionado ao cotidiano do grupo, notamos que estão inter-relacionados nos nomes para aves, conhecimentos que podem refletir aspectos morfológicos como cor (39), tamanho (40), semelhanças com outras espécies (41); aspectos ecológicos como referência ao lugar onde certa espécie costuma ficar (42) e à sua alimentação (43); e relações com a cosmogonia juruna, (44) e (45). Exemplos:

- (39) **aberi asuĩĩ** [abe'ri a'suĩĩ], "juriti – vermelha (juriti vermelha)" Juriti-piranga, *Geotrygon Montana*
- (40) **adura xixĩ** [adu'ra 'ʃiʃi], "martim-pescador – pequeno (martim-pescador pequeno)" Arirambinha, *Choloceryle aenea*
- (41) **urũ huta**, [ũ'rũ hu'ta], **urũ** – veneno de cobra (tipo de andorinha que tem veneno semelhante ao da cobra)", Andorinhão-estofador, *Panyptila cayennensis*
- (42) **aurupada adaka** [aurupa'da a'daka], "planta água-pé – verme (verme da água-pé)", Jaçanã ou Piaçoca, *Jacana jacana*
- (43) **uru'a iwaa** [uru?'a iu'aa], "caramujo – dono (dono do caramujo)", Gavião-belo, *Busarellus nigricollis*
- (44) **'e'amĩ maka** [ʔeʔa'mĩ ma'ka], "espírito - criação (criação do espírito)", Jacanim, *Donacobius atricapillus*
- (45) **amana idja**, [ama'na i'dʒa] "chuva – mãe (mãe da chuva)", Maçarico-pintado, *Actitis macularia*

Os nomes para aves refletem as espécies características de cada região. Obviamente, novos nomes podem ser inseridos nos sistemas de classificação, seja por empréstimos ou por palavras que se refiram ao comportamento ou à morfologia das aves por comparação com as espécies previamente conhecidas pelo grupo. Como dito anteriormente, por se tratar de pesquisa que se realiza na interface existente entre língua e cultura, o aspecto semântico também é relevante, uma vez que permite distinguir as formas monossêmicas das polissêmicas e estudar as relações metafóricas ou metonímicas presentes nos nomes de aves em Juruna. Pretendemos desenvolver essa questão com a continuidade de nossa pesquisa, uma vez que essas relações trazem informações fundamentais sobre os critérios utilizados pelos Juruna na categorização da avifauna.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa por nós realizada possui uma natureza interdisciplinar, o que constitui, na realidade, um desafio para o pesquisador. É necessário procurar interseções entre Lexicologia, Ornitologia e Antropologia para a compreensão do campo semântico “aves” em juruna. Pautamos nosso trabalho em obras dessas diversas áreas, e percebemos a necessidade de entrarmos em contato com outros pesquisadores, bem como a de manter essa postura caso continuemos na área acadêmica.

Acreditamos que a monografia *Nomes de aves em juruna: estudo lexicológico* atingiu os objetivos propostos, ou seja, conseguimos recoletar, com metodologia diferenciada, nomes de aves em juruna, e iniciar o estudo lexicológico dessas palavras que categorizam o mundo biológico. A sistematização e comparação dos dados coletados em 2008 e 2009 proporcionaram a identificação de alguns processos de formação dos nomes para aves em juruna e o estudo de recursos particularmente produtivos nessa língua, como a onomatopéia e a reduplicação.

A apresentação deste trabalho de pesquisa no *XXI Congresso de Iniciação Científica da UNESP, 17º Simpósio Internacional de Iniciação Científica, XII Congreso de la Sociedad Argentina de Lingüística* e no *53º Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos* contribuíram com o desenvolvimento do trabalho e apontaram questões que serão abordadas numa pesquisa futura.

REFERÊNCIAS

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria Lingüística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 2ª Ed.

____ Dimensões da palavra. In: *Filologia e língua portuguesa*, S. Paulo, Humanitas Publicações/FFLCH/USP, nº 2, 1998, 81-118. Disponível em: <http://fflch.usp.br/dlcvlport/site/images/arquivos/FLP2/Biderman1998.pdf>. Acesso em: 12/2009

CAMPOS, M. D. “Estar aqui” e “estar lá”: tensões e interseções com o trabalho de campo. Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Etnomatemática, 2000. Disponível em: <http://www2.fe.usp.br/~etnomat/anais/MarcioDOIneCampo.html> Acesso em 09/2009.

____ Etonociência ou Etnografia de Saberes e Técnicas? In: *Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas*, Rio Claro: UNESP/CNPq, 2002.

EVERETT, D. L. “Cultural Constraints on Grammar and Cognition in Pirahã”. In: *Current Anthropology*, Vol. 46, n.4, 2005. Disponível em: <http://www.icsi.berkeley.edu/~kay/Everett.CA.Piraha.pdf> Acesso em: 06/2010

FARGETTI, C.M. e RODRIGUES, C.L. Consoantes do xipaya e do juruna: uma comparação em busca do proto-sistema. *ALFA* (UNESP), v. 52(2), p. 535-563, 2008. Disponível em: <http://www.alfa.ibilce.unesp.br/sumario.php?livro=8> Acesso em: 09/2009.

____ Estudo comparativo do sistema de pessoa em xipaya e juruna (tupi). In: *Resumos*. 53º Seminário do GEL, São Carlos: UFSCAR, 2005.

- ____ Sistemas consonantais do juruna e do xipaya: uma comparação. In: *Livro de resumos*. Simpósio Internacional sobre Linguística Histórica na América do Sul, Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, UFPA, 2005.
- FARGETTI, C.M. *Estudo Fonológico e Morfossintático da Língua Juruna*, Muenchen: LINCOM-EUROPA, 2007.
- ____ Verbos estativos em juruna. In: Seminário do GEL, São Paulo: USP, 2002. Disponível em:
<<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/ci057.htm>> Acesso em: 02/12/2009.
- ____ Proposta preliminar de escrita para a língua Jurúna, fevereiro, 1994. In: *Relatório de 1994 – Projeto de Educ. para o P.I.X., comunidade Jurúna* (não publicado, encaminhado ao MEC e ao ISA), 1994.
- ____ *Análise Fonológica da Língua Jurúna*, UNICAMP (dissertação de mestrado), 1992.
- HINTON, L., NICHOLS, J. e OHALA, J. (eds.). *Sound Symbolism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- IBARRETXE-ANTUÑANO, I. “Onomatopeyas del euskara: análisis y ejemplos”. Disponível em <<http://www.unizar.es/linguisticageneral/articulos/Ibarretxe-Basque-onomatopoeia-09.pdf>> Acesso em junho/2010
- ILARI, R. e BASSO, R. M. Estativos e suas características. In: *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v.4, p.15-26, 2004. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/rbla/2004_1/01RodolfoIlari.pdf> Acesso em: 12/2009.
- JENSEN, A. *Sistemas indígenas de classificação de aves*. Belém: Museu Goeldi, 1988.
- MATEUS, M. H. M. “Se a língua é um factor de identificação cultural, como se compreende que a mesma língua identifique culturas diferentes?”. *Quinhentos anos de história Linguística do Brasil*, 2006. Disponível em

<http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2001mhmateusquando_uma_lingua_vive.pdf>

Acesso em 06/2010.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia Portuguesa*. Campinas: Pontes, 2002.

NEVINS, A.; PESETSKY, D. E RODRIGUES, C. "Piraha Exceptionality: a Reassessment",
In *Language*, 85.2, 355-404, 2009.

NUNES, J. H. Lexicologia e Lexicografia. In: GUIMARÃES, E. (org.). *Introdução às Ciências da Linguagem: a Palavra e a Frase*. Campinas: Pontes, 2006.

Projeto Brasil 500 pássaros. Disponível em CD-ROM

SANDMANN, A. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1997.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.

SCHACHTER, P. Parts-of-speech systems. In: SHOPEN, T. (ed) *Language typology and syntactic description*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. vol.I.

SICK, H. *Ornitologia Brasileira*. Coordenação e atualização de José Fernando Pacheco. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

SOUZA, D. *Todas as aves do Brasil: guia de campo para identificação*. Feira de Santana: Editora DALL, 1998.

TILIO, R. "A evolução da teoria da relatividade lingüística e a interface língua-cultura no ensino de línguas estrangeiras". In: *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, vol. VI, n. XXI, 2007. Disponível em

<<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/view/362/347>> Acesso em: 07/2010.

